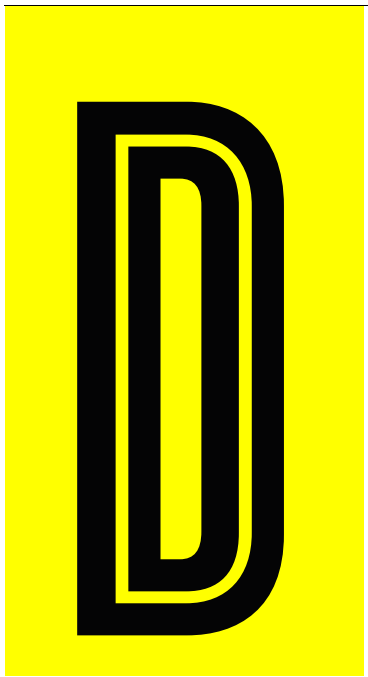

Livre e Direto

POR CLÁUDIA OLIVEIRA

Anadia na rota internacional

Em março passado, Daniel Abraham esteve com os companheiros de seleção a treinar no Centro de Alto Rendimento de Anadia, no distrito de Aveiro. O velódromo nacional é uma instalação única do género no país e na Europa, com uma pista de madeira tipo LVP, de elevada resistência e aderência, proporcionando um pavimento desportivo com maior firmeza, solidez e menos atrito para o treino dos atletas.

Seleção eritreia de futebol serviu fugas

Saiu da Eritreia muito jovem e confessa que não segue "a situação do país há vários anos". Este país africano tem sido alvo de alertas da ONU sobre crimes contra a Humanidade e é considerado o segundo do mundo com menor liberdade de Imprensa (atrás da Coreia do Norte). Isso faz com que a condição de refugiado não seja exclusiva de Daniel. Nos últimos oito anos, por exemplo, atletas da seleção nacional de futebol aproveitaram para fugir em quatro ocasiões distintas.

Daniel faz parte da seleção paralímpica da Holanda por uma anomalia do desenvolvimento muscular desigual das pernas, e prefere não recordar o que o levou a abandonar o seu país natal.

DANIEL ABRAHAM

"Ninguém se preocupa com os refugiados, não há interesse político"

Fugiu da Eritreia com apenas 15 anos e dedicou-se ao ciclismo. A sua experiência leva-o a considerar que o desporto europeu não está preparado para refugiados

Aos 34 anos, Daniel tem o título de campeão, pela Holanda, nos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro, em 2016, e com duas medalhas de bronze nos Campeonatos do Mundo de Paraciclismo de 2019, em Scratch e Perseguição Individual. O meio de transporte usado no seu país transformou-se em profissão.

Trouxe da Eritreia o gosto pelo desporto ou ganhou-o na Europa?

Eu já era ciclista na Eritreia. Depois, continuei aqui. A Eritreia é um país onde o ciclismo tem uma grande tradição. Tal como na Holanda, a bicicleta é utilizada na vida quotidiana das pessoas, nomeadamente como meio de transporte.

Há vários registos de desportistas refugiados da Eritreia nos últimos anos. O desporto pode ser a tábua de salvação?

Não me parece que o desporto possa ser a tábua de salvação. Só a educação poderá ser a tábua de salvação; a educação tem de estar sempre em primeiro lugar. Já vi muitos jovens perderem grandes oportunidades por desconhecerem como as coisas funcionam.

A Europa – o desporto europeu – está preparada para ajudar os refugiados?

Não, o desporto europeu está organizado apenas para os atletas europeus, ninguém se preocupa com os refugiados, não há interesse político nisso.

Como chegou à seleção paralímpica da Holanda?

Em 2010, quando estava a correr por uma equipa profissional de escalão continental, os técnicos viram a minha perna e sugeriram-me fazer a classificação para o paraciclismo. Depois disso, a seleção nacional da Holanda convidou-me para integrar a equipa.

É campeão paralímpico em ciclismo de estrada pela Holanda.

> *"Não me parece que o desporto possa ser a tábua de salvação. A educação tem de estar sempre em primeiro lugar"*

Sente-se integrado na Europa?

Eu sinto-me muito querido por toda a gente, exceto os eritreus, porque não represento a seleção nacional do país.

O Daniel pode ser um exemplo para quem se vê obrigado a deixar o país de origem?

Poderia ser um exemplo, mas acho que não me veem dessa forma. Eu tento ser um exemplo para eles mas, de novo, a falta de educação das pessoas levam-nas a perder as oportunidades. Os europeus veem-me mais como um exemplo do que os próprios eritreus.

Para além do ciclismo de estrada, está também a praticar ciclismo de pista. O que motivou esta decisão?

A maioria dos atletas paralímpicos faz estrada e pista, e eu já costumava treinar na pista durante o inverno e participar em provas a nível nacional e decidi começar a participar em provas internacionais.

No Rio 2016, não fazia parte dos meus planos participar nas provas de pista, mas, depois disso, resolvi começar e, este ano, já realizei os meus segundos campeonatos do mundo. Estou a preparar-me para em Tóquio participar nas provas de estrada e pista.

Até quando pretende competir e o que pretende fazer quando deixar de ser atleta?

Até as minhas pernas me permitirem... Ainda não sei exatamente o que irei fazer a seguir, mas quero continuar a trabalhar no ciclismo, talvez como treinador para ajudar a formar jovens corredores, incluindo africanos.